



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS

ISABELLA SHIGUEMATSU

EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE GRUPO DE APOIO COM USUÁRIOS
PORTADORES DE DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS

SÃO PAULO
2020

ISABELLA SHIGUEMATSU

EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO DE GRUPO DE APOIO COM USUÁRIOS
PORTADORES DE DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Especialização em Saúde da
Família da Universidade Federal de São Paulo
para obtenção do título de Especialista em
Saúde da Família

Orientação: SUYANE DE SOUZA LEMOS

SÃO PAULO
2020

Resumo

O projeto saúde no território a se descrito, foi desenvolvido na Unidade Básica de Saúde (UBS) - Vista Alegre, localizada na Rua Alberto Pellegrino, município de Limeira-SP, a qual é responsável pela prestação de serviços básicos de saúde nesta região. Na área de abrangência da UBS temos atualmente uma população de 1.405 pessoas adscritas, organizadas em 517 famílias, sendo em sua maioria de baixo nível socioeconômico, baixa escolaridade e elevada vulnerabilidade social. A partir da análise social, econômica e de saúde da população atendida foi identificado como principal problema a dificuldade de acompanhamento e controle dos usuários portadores de doenças crônicas, principalmente aqueles acometidos pela hipertensão e pelo diabetes, em detrimento da necessidade de monitoramento contínuo e da influência dos fatores medicamentosos e não medicamentosos na efetividade do tratamento. Diante do problema da fragilidade no acompanhamento aos portadores de doenças crônicas não transmissíveis pela falta de um grupo de apoio aplicável semanalmente na comunidade, em horário estratégico para maior adesão do público alvo, é necessário organizar uma programação de temas e datas pré-definidas, bem como atrair os usuários de interesse através da identificação dos usuários, a busca ativa e definição de cronograma das ações educativas a serem desenvolvidas. O resultado esperado com esse projeto é o desenvolvimento de um grupo de apoio com a participação de portadores de doenças crônicas, que tenha encontros semanais ministrados pela médica ou pela enfermeira da unidade.

Palavra-chave

Educação em Saúde. Doença Crônica. Unidade Básica de Saúde.

PROBLEMA/SITUAÇÃO

Localizada no município de Limeira, Rua Alberto Pellegrino, no estado de São Paulo, a Unidade Básica de Saúde (UBS) – Vista Alegre é responsável pela prestação de serviços básicos de saúde nesta região. Em nossa área de abrangência temos atualmente, uma população de 1405 pessoas adscritas, organizadas em 517 famílias, sendo em sua maioria de baixo nível socioeconômico, baixa escolaridade e elevada vulnerabilidade social. A partir da análise social, econômica e de saúde da população atendida foi identificado como principal problema a dificuldade de acompanhamento e controle dos usuários portadores de doenças crônicas, principalmente aqueles acometidos pela hipertensão e pelo diabetes, em detrimento da necessidade de monitoramento contínuo e da influência dos fatores medicamentosos e não medicamentosos na efetividade do tratamento.

Para que seja possível alcançar níveis satisfatórios, preciso levar em consideração a avaliação de alguns parâmetros durante a anamnese, como o histórico de doenças prévias, histórico familiar, comportamento dietético e prática de atividades físicas, além da análise de exames importantes que ajudam a compreender a condição de saúde do paciente.

Para além das consultas médicas e de enfermagem, existe a ausência de um grupo de apoio na comunidade que oriente o manejo das doenças e seus agravos, bem como permita a troca de experiências, discussão sobre o tema e incentivo a práticas complementares, como forma de contribuir para melhores resultados no controle das doenças crônicas. Além disso, é uma ferramenta de acompanhamento, principalmente para aqueles usuários com hipertensão ou diabetes que possuem um maior risco de gravidade, como forma de evitar complicações decorrentes dessas patologias.

Diante disso, foi elaborado um plano de ação voltado aos pacientes acometidos por doenças crônicas não transmissíveis baseado na construção de um grupo de apoio, com o intuito de melhorar a avaliação e o acompanhamento dos casos, principalmente aqueles com maior gravidade. Para isso, a proposta é organizar, através da contribuição de toda a equipe e em conjunto com a comunidade, um cronograma de encontros com temas pré-definidos envolvendo o tema, a ser aplicado em encontros semanais do grupo. Assim, será possível definir as principais estratégias de cuidado para o controle efetivo desses agravos, seja na elaboração de novos planos terapêuticos e estreitamento dos vínculos, quanto na oferta de atividade de prevenção através de técnicas de educação permanente.

ESTUDO DA LITERATURA

As doenças cardiovasculares são compreendidas como afecções de etiologia multifatoriais frequentes em indivíduos que estão expostos a fatores de risco como dieta inadequada, inatividade física e obesidade. Dessa forma, estão diretamente ligadas às Doenças Crônicas Não-Transmissíveis (DCNT) que acometem, atualmente, grande parte dos brasileiros (MOREIRA, 2010). Em decorrência do aumento da expectativa de vida, atrelado aos novos hábitos de alimentação, trabalho e lazer, dentre outros fatores culturais e socioeconômicos, as doenças cardiovasculares têm representado uma das maiores causas de morbimortalidade no Brasil, o que dificulta as intervenções no nível de saúde e exige da equipe a aplicação de práticas sistematizadas para organização da assistência a esse público (MATOS, 2003).

Para que seja possível avaliar o risco cardiovascular de um determinado indivíduo, é preciso levar em consideração a avaliação de alguns parâmetros durante a anamnese, como o histórico de doenças prévias, histórico familiar, comportamento tabagista e dietético, e prática de atividades físicas, além da análise de exames importantes que ajudam a compreender a condição de saúde do paciente (MAFRA, 2008). O registro do acompanhamento, principalmente para aqueles usuários com hipertensão ou diabetes que possuem um maior risco de gravidade, serve como subsídio para um melhor acompanhamento desses casos e como forma de evitar complicações decorrentes dessas patologias (PEREIRA, 2009).

Através da formação de grupos de apoio é possível definir estratégias de cuidado para o controle efetivo desses agravos, seja na elaboração de planos terapêuticos, quanto na oferta de atividades de prevenção através de técnicas de educação permanente (BRASIL, 2013). As ações desenvolvidas em grupo devem ser pautadas em um modelo teórico prático que forneça subsídio necessário para a produção de saúde na coletividade. O responsável pela condução do grupo de apoio deve possuir um domínio a respeito das abordagens à serem desenvolvidas para que o grupo constitua em um trabalho que potencialize as ações em saúde (MUNARI; LUCCHESI; MEDEIROS, 2009).

Baseado no princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS) os grupos são espaços coletivos que buscam discutir temas que são trazidos pelos participantes, que envolvam uma série de aspectos que podem estar diretamente ou indiretamente relacionado a sua saúde. Temas como: religiosidade, cultura, educação, prevenção de doenças, sexualidade, política, regimes terapêuticos, automedicação, preconceitos, aceitação da doença; mostram a variedade de fatores que estão presentes no cotidiano desses indivíduos e que de certa forma influenciam no seguimento do tratamento (FAVORETO; CABRAL, 2009).

É notório a implantação de cursos de capacitação das equipes de ABS por meio do ensino a distância como o telessaúde e cursos online. Processos de troca de informações sobre um caso clínico por meio de reuniões de equipe são fundamentais para a educação permanente das equipes de saúde da família, gerando fortalecimento do cuidado integral em DCNT (BRASIL, 2011).

Sendo assim, a intersetorialidade pode ser compreendida como ferramenta de gestão para desenvolvimento do processo sistemático de articulação, planejamento e cooperação entre os diferentes setores da sociedade e as políticas públicas, visando intervir

nos determinantes sociais de saúde de forma integrada, na busca de melhores resultados para o enfrentamento das DCNT (MALTA; et al., 2014)

Ao desenvolver grupos de apoio os profissionais acabam fazendo de forma empírica e baseado em experiências de outros serviços. Mesmo cometendo o equívoco de criar o grupo com fins assistenciais, este muitas vezes representa um momento único para que os participantes possam trocar experiências e esclarecer dúvidas a respeito dos temas abordados. A durabilidade do grupo está muito dependente do profissional que o conduz, visto que, caso o profissional não esteja preparado, existe um grande risco de ocorrer uma desagregação do grupo. Em serviços que possuem uma carência na formação de grupos, quando são desenvolvidas ações grupais há um grande número de participantes, o que se configura como uma palestra. Essa ação não proporciona um diagnóstico e uma comunicação adequada entre o grupo e o profissional que desenvolve a atividade. A adesão do usuário é mais complexa e dependente de uma equipe de saúde capacitadas para abordagens coletivas em saúde (MUNARI; LUCCHESI; MEDEIROS, 2009).

AÇÕES

Diante do problema da fragilidade no acompanhamento aos portadores de doenças crônicas não transmissíveis pela falta de um grupo de apoio aplicável semanalmente na comunidade, em horário estratégico para maior adesão do público alvo, é necessário organizar uma programação de temas e datas pré-definidas, bem como atrair os usuários de interesse, e para isso é necessário:

- ♦ Identificar os indivíduos portadores de doenças crônicas por meio da ficha de acompanhamento de visitas domiciliares dos Agentes Comunitários de Saúde;
- ♦ Definir o fluxo de busca ativa aos faltosos e em maior risco cardiovascular como forma de garantia do acesso e incentivo familiar a nova proposta de assistência;
- ♦ Elaborar cronograma de ações educativas voltadas para a redução da exposição aos riscos cardiovasculares e melhor controle das doenças crônicas não transmissíveis, com o apoio da equipe de saúde na organização e execução dos encontros.

RESULTADOS ESPERADOS

Diante das ações propostas espera-se desenvolver um grupo de apoio com a participação de portadores de doenças crônicas, que tenha encontros semanais ministrados pela médica ou pela enfermeira da unidade. Para que o grupo seja fortalecido, será necessário a participação ativa dos Agentes Comunitários de Saúde desenvolvendo a busca ativa de usuários faltosos as consultas médicas e de enfermagem e a conscientização no ambiente domiciliar com o intuito de incentivar a formação do grupo de apoio.

No desenvolvimento da busca ativa e com o maior contato com os usuários, será muito importante na identificação das principais necessidades de saúde dos acometidos pelas doenças crônicas. Os grupos de apoio são instrumentos muito importantes na prática do cuidado. Esse grupo voltado aos usuários que utilizam anti-hipertensivos e hipoglicemiantes orais é um meio de levar conhecimento de uma forma eficiente para a comunidade como um todo. O fortalecimento do grupo através da busca ativa e do incentivo à responsabilização do usuário por sua saúde é uma forma de manter o grupo na rotina de trabalho do serviço. A criação de parcerias com demais dispositivos da rede é muito importante para que esses usuários possam dispor, tanto de recursos humanos capacitados, quanto de insumos necessários para o tratamento da hipertensão e do diabetes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022. Brasília : Ministério da Saúde, 2011. p.160.

FAVORETO, C.A.O.; CABRAL, C.C. Narrativas sobre o processo saúde-doença: experiências em grupos operativos de educação em saúde. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.** v.13, n.28, p.7-18, jan./mar., 2009.

MAFRA, F.; OLIVEIRA, H.; Avaliação do risco cardiovascular – metodologias e suas implicações na prática clínica. **Rev. Port Clin Geral**, 2008.

MALTA, D. C.; et al. Doenças crônicas Não transmissíveis e o suporte das ações intersetoriais no seu enfrentamento. **Ciênc. Saúde Coletiva**, vol.19, n.11, 2014.

MATOS, A. C.; LADEIA, A. M.; Avaliação de Fatores de Risco Cardiovascular em uma Comunidade Rural da Bahia. **Arq. Bras. Cardiologia**, vol. 81, 2003.

MOREIRA, T. M. M.; GOMES, E. B.; SANTOS, J. C.; Fatores de Risco Cardiovasculares em Adultos Jovens com Hipertensão Arterial e/ou Diabetes Mellitus. **Rev. Gaúcha Enferm.** Porto Alegre, 2010.

MUNARI, D.B.; LUCCHESI, R; MEDEIROS, M. Reflexões sobre o uso de atividades grupais na atenção a portadores de doenças crônicas. **Cienc Cuid Saude**, v.8 (suplem.): p.148-154, 2009.

PEREIRA, J. C.; BARRETO, S. M.; PASSOS, V. M.; Perfil de risco cardiovascular e autoavaliação de saúde no Brasil: estudo de base populacional. **Rev. Panam Salud Publica**, 2009.